

# Adélia Prado – A carpideira

Que destino o das flores  
que recobriram a morta em seu caixão.  
Mais difícil entender que o miriágono!  
A marreca se deita sobre os ovos,  
puxa para o ninho as folhas secas, cumpre-se.  
Enquanto eu tenho medo.  
Mesmo assim não desejo senão ficar olhando  
os remetentes mistérios.  
São tão maus os congressos, as escolas,  
tão cheios de café velho e açúcar  
que o pensamento divaga:  
são elementares Deus e sua obra,  
é macho e fêmea  
sete cores  
três reinos  
um mandamento só: amai-vos.  
Tinha tanto medo de casar com moço  
que não fosse da Rede Ferroviária,  
queria trastes de ferro  
pra nunca mais se acabarem.  
Pensava assim:  
se a cama for de ferro e as panelas,  
o resto Deus provê:  
é nuvem, sonho, lembranças.  
Ainda mais que não ia morrer, e ainda não vou,  
porque sou doida e escapo como as boninas.  
Em todo enterro choro com um olho só.  
Com o outro rego a tira de terra  
onde suspiros, saudades e perpétuas  
hã de nascer e suportar insetos,  
ciclo após ciclo de sol, de chuva,  
calor de velas, frio de esquecimento.  
Porque a vida é de ferro  
e não se acaba nunca.

## **Adélia Prado, Poesia reunida**